



Asset

Carta do Gestor

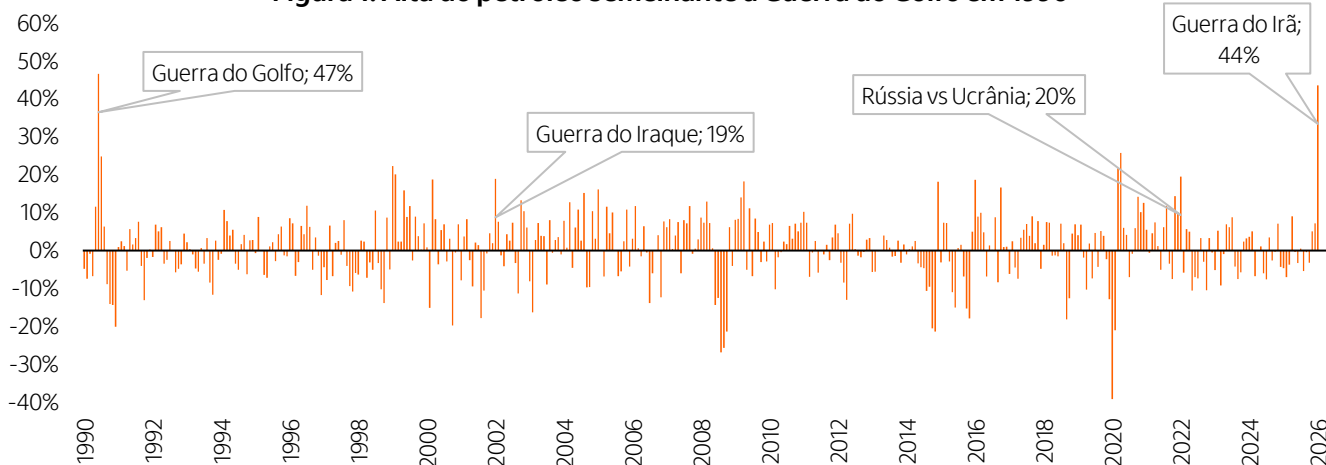
Itaú Janeiro

Abril 2026

Cenário Internacional – Choque geopolítico

A guerra no Irã elevou os preços de energia e afetou o cenário econômico, em particular no que diz respeito à inflação e aos juros. Ataques dos EUA e de Israel ao Irã aumentaram a incerteza, enquanto o fechamento do Estreito de Hormuz gerou o maior choque no preço do petróleo desde a Guerra do Golfo (Figura 1). O choque combina alta da inflação nos próximos trimestres com piora moderada da atividade e do mercado de trabalho, uma combinação ruim para os bancos centrais e para a economia.

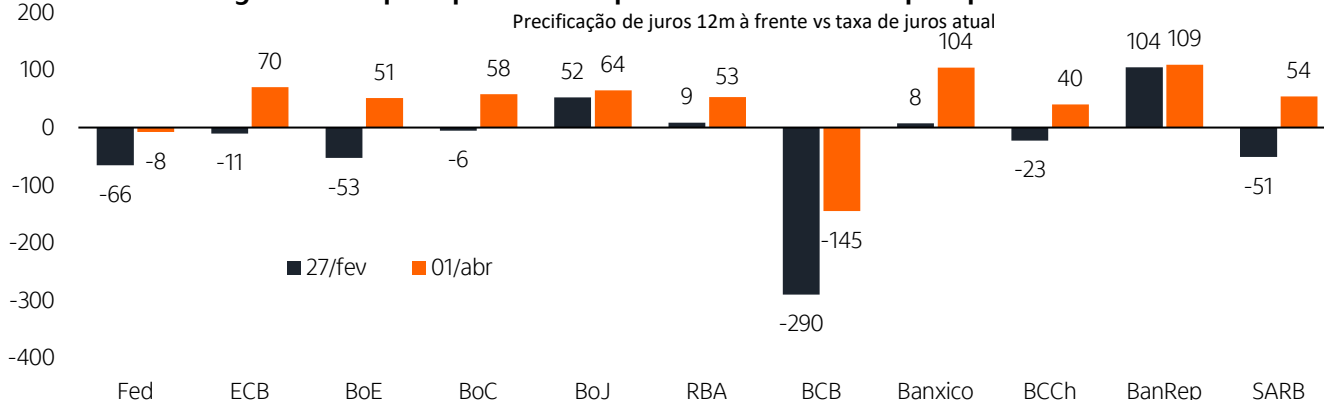
Figura 1: Alta do petróleo semelhante à Guerra do Golfo em 1990



Fonte: Itaú Asset

As curvas de juros globais subiram significativamente com o choque. O mercado retirou cortes e passou a precificar altas em várias economias, desenvolvidas e emergentes (Figura 2). Choques de oferta podem exigir resposta de juros quando contaminam as expectativas de inflação de prazo mais longo. Vários bancos centrais adotaram postura mais cautelosa, de forma preemptiva, justamente para minimizar o impacto do choque sobre as expectativas. Vale destacar uma mudança de tom mais forte, abrindo espaço para altas de juros no curto prazo, tanto do ECB quanto do BoE.

Figura 2: Choque reprecificou expectativas de mercado para política monetária

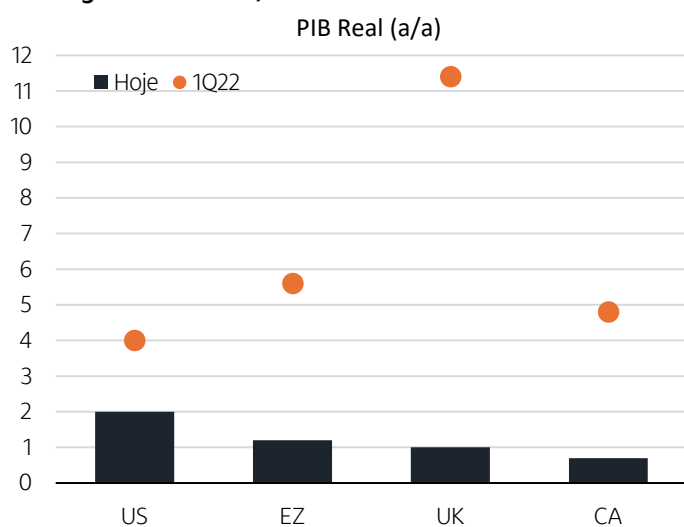


Fonte: Itaú Asset

Essas mudanças afetaram as nossas posições; agora, nossa discussão é sobre quão persistentes serão o choque e seus efeitos na economia. As mudanças nas curvas de juros geraram perdas nas posições aplicadas no Brasil, México, Reino Unido e África do Sul (ver seção sobre nossas alocações abaixo). O importante, adiante, é analisar se o cenário mudou de forma permanente e como se posicionar daqui para frente.

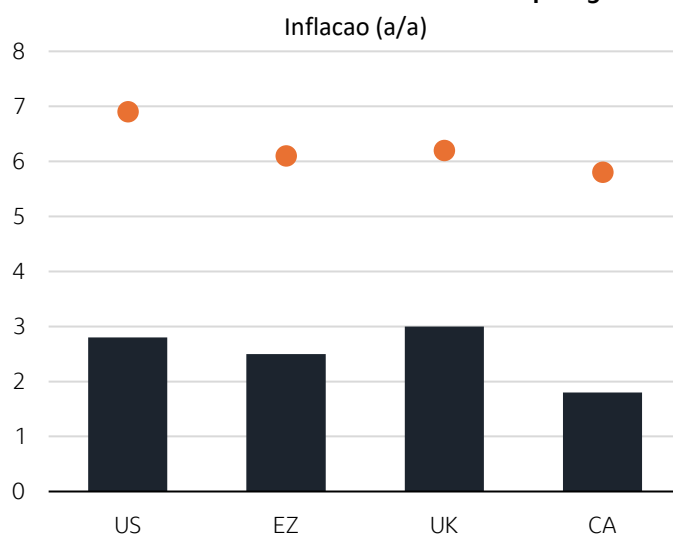
Na inflação, o petróleo deve pressionar os índices no curto prazo, mas o cenário macro sugere efeitos moderados de segunda ordem. O choque é muito relevante em magnitude e tende a aparecer nos custos de energia e transporte. A questão agora é avaliar qual será sua duração. Revisamos nossas projeções para a inflação cheia em 2026: nos EUA, em 60 bps, para 3,2%; na Zona do Euro, em 120 bps, para 3,3%; e, no Reino Unido, em 100 bps, para 3,0%. A curva futura do petróleo, porém, aponta queda para a faixa de USD 70–75 em 12 meses, sugerindo choque temporário. Adicionalmente, diferente por exemplo de 2022, quando a invasão da Ucrânia pressionou os preços do petróleo em um momento em que as economias já estavam aquecidas (ver Figura 3), o pano de fundo macro atual, de demanda moderada e mercado de trabalho equilibrado, limita o repasse para os núcleos e a persistência do choque.

Figure 3: Em 2022, condições iniciais de crescimento....



Fonte: Haver e Itaú Asset

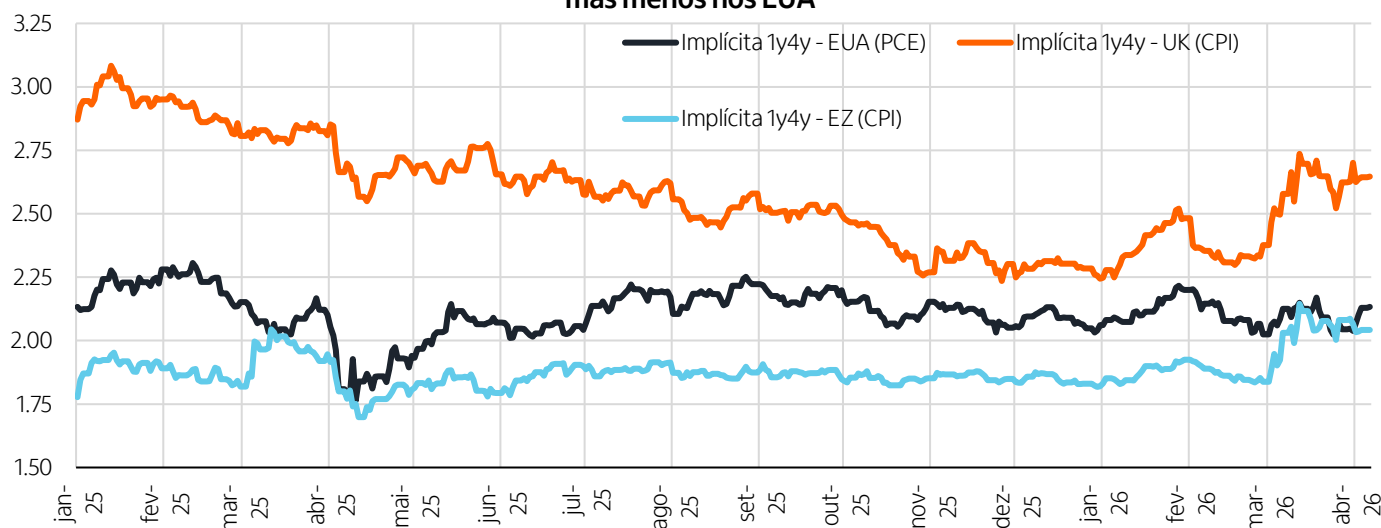
...e inflação eram mais fortes do que agora



Os bancos centrais tendem a manter um tom mais duro enquanto os preços de energia ficarem elevados. Após a inflação do pós-pandemia, a função de reação ficou mais avessa a surpresas inflacionárias, elevando a probabilidade de um aperto preemptivo caso o choque ameace desancorar expectativas. Ao mesmo tempo, com atividade e mercado de trabalho menos superaquecidos do que em 2022, nossa leitura é que a necessidade de altas de juros é limitada em vários países.

A variação nas curvas de juros, na direção de “tirar cortes e colocar altas”, parece maior do que esperamos no cenário-base. O desfecho depende principalmente da duração do choque: um acordo entre Irã e EUA tenderia a reduzir o prêmio de risco e reabrir espaço para a discussão de cortes; enquanto, caso o conflito se estenda, pode exigir postura mais restritiva por mais tempo. No caso de acordo, com petróleo abaixo de USD 100, entendemos que o ECB manteria os juros, e o BoE voltaria a cortar juros no segundo semestre. Se o conflito se estender e o petróleo se mantiver acima de USD 100 no próximo trimestre, esperamos que tanto o BoE quanto o ECB subam juros em 50 bps este ano, menos do que o precificado nas curvas de juros atualmente. No caso dos EUA e do Canadá, esperamos que o Fed e o BoC mantenham os juros nos dois cenários. Uma explicação para a postura mais cautelosa do ECB e do BoE está na reação das expectativas de inflação implícitas nos instrumentos financeiros, que tiveram alta importante, enquanto, para o Fed, isso não ocorreu (ver Figura 4).

Figura 4: inflações implícitas (médio prazo) subiram na Zona do Euro e Reino Unido, mas menos nos EUA



Fonte: Itaú Asset

Para a atividade, vemos impacto negativo moderado nos países desenvolvidos e efeitos heterogêneos nos emergentes. Os principais canais são a perda de renda real, a política monetária mais apertada e o aumento da incerteza. Nos EUA, o consumo deve desacelerar para 1,5%–2,0%, de 2,0%–2,5%, mas o PIB ainda crescerá cerca de 2%, com investimentos relacionados à IA robustos. A Zona do Euro será mais afetada porque é dependente do gás natural importado, mas a sólida situação econômica pré-evento afasta a região de um risco recessivo. A China parece relativamente protegida pela matriz energética menos dependente de petróleo, estoques confortáveis e inflação baixa. Nos demais emergentes, exportadores de energia tendem a ser mais resilientes (América Latina e Brasil, em particular, como “vencedores relativos”), ao passo que importadores ficam mais pressionados (Leste Europeu e Sudeste Asiático).

Se a guerra escalar ainda mais, o risco passa a ser recessão, e não somente inflação. A escalada poderia ocorrer via ataques adicionais à infraestrutura de produção/refino, restrições prolongadas de oferta e novos gargalos logísticos. Nesse quadro, regiões importadoras de energia e com menor buffer fiscal (como Reino Unido e partes da Ásia) tenderiam a sofrer mais, enquanto exportadores líquidos teriam amortecimento relativo. Para bancos centrais, inicialmente aumentaria o custo de acomodar o choque, mas a discussão tenderia a virar rapidamente para uma desaceleração da atividade, favorecendo queda de juros, desde que as expectativas de inflação de prazo mais longo estejam controladas. O Fed, que costuma dar um peso maior para emprego e tem credibilidade, provavelmente seria o primeiro banco central desenvolvido a cortar juros, potencialmente acompanhado por outros desenvolvidos.

Por último, no mercado de ações, o ano de 2026 tem sido marcado por um dos ambientes mais desafiadores dos últimos anos. Observamos um nível de dispersão entre ativos que figura entre os mais elevados da história, refletindo um cenário global fragmentado e altamente dependente de vetores específicos. A guerra no Irã impulsionou fortemente os preços do petróleo e beneficiou de forma relevante as ações do setor de energia. Em paralelo, declarações do presidente Donald Trump sobre uma possível invasão da Groenlândia intensificaram o movimento global de diversificação de recursos, elevando o interesse por mercados emergentes. Esse fluxo se materializou de forma expressiva no Brasil, com entrada líquida de capital estrangeiro superior a R\$ 50 bilhões na bolsa local. Na Ásia, Coreia do Sul e Taiwan se destacaram como protagonistas, bem posicionados para capturar o ciclo de investimentos associado à inteligência artificial.

O primeiro trimestre também foi marcado por uma rotação significativa no mercado de ações. O grupo das chamadas “Mag7” enfrentou um período de deterioração de sentimento, pressionado pelo ciclo intensivo de investimentos, levantando questionamentos sobre retorno de capital no curto prazo. Simultaneamente, avanços tecnológicos liderados pelo Claude (Anthropic) trouxeram à tona temores concretos de disrupção em setores intensivos em propriedade intelectual, especialmente software, ampliando preocupações com o mercado de trabalho e desencadeando uma migração tática para o chamado “HALO — heavy assets, low obsolescence trade”, com maior alocação em setores defensivos, como consumo básico, e em ativos reais, incluindo metais. Esse conjunto de forças resultou em reprecificação relevante: hoje, diversas empresas do S&P 500 operam nos menores múltiplos dos últimos 10 anos, evidenciando um ambiente em que o pessimismo agregado contrasta com um universo amplo de oportunidades.

Cenário Brasil – Correção dos juros, moeda resiliente

Os desdobramentos da guerra tiveram efeitos mistos para os ativos domésticos. À semelhança do observado em outros países, o principal canal de transmissão tem sido a alta do petróleo, que pressiona a inflação corrente e desloca a curva de juros para cima. Ao mesmo tempo, a reação do câmbio foi relativamente mais benigna: apesar do aumento de prêmio na renda fixa, o real tem se sustentado bem diante de um choque de aversão a risco global.

Essa assimetria se explica, em parte, pela posição do Brasil como exportador líquido de petróleo (USD 30 bi nos últimos 12 meses). O mesmo choque que eleva o custo de energia e afeta o balanço de riscos para a inflação também melhora os termos de troca e tende a gerar um impulso favorável nas contas externas. A tabela abaixo ilustra essa sensibilidade: para diferentes combinações de preço do petróleo e taxa de câmbio, o déficit em conta corrente (como % do PIB) varia de forma relevante. Com petróleo próximo de 80 e um câmbio de 5,0, o déficit tende a se situar em torno de 2,5%–3,0% do PIB — um patamar que pode ser financiado em ambiente internacional favorável para economias emergentes. Esse é um vetor importante para a discussão prospectiva do real, pois o ganho de conta corrente associado ao petróleo mais alto pode permitir um BRL mais apreciado.

Tabela - Conta Corrente (% PIB): sensibilidade a USDBRL e petróleo

USDBRL / Petróleo	60	80	100	120
4,4	-3,4%	-3,2%	-3,1%	-2,9%
4,7	-3,1%	-2,9%	-2,8%	-2,6%
5,0	-2,8%	-2,6%	-2,5%	-2,3%
5,3	-2,5%	-2,3%	-2,2%	-2,0%
5,6	-2,2%	-2,0%	-1,9%	-1,7%
5,9	-1,9%	-1,7%	-1,6%	-1,4%

Fonte: Itaú Asset.

Do lado da inflação, o consenso de economistas tem revisado as projeções para ao redor de 4,5% em 2026, mas nosso viés é mais para 4% do que para 5%. Um cenário em que a guerra se encerre ao longo de abril, com estabilização do petróleo (Brent abaixo de 75 em dez/26) e um câmbio próximo de 5,0 — hipóteses que nos parecem prováveis — seria consistente com um IPCA de 4,0% neste ano. O debate nas próximas semanas ainda será sobre o risco de uma escalada e extensão do conflito para além de abril, mas acreditamos que não se deve minimizar o risco do outro lado, de uma reversão mais rápida desse choque.

Para a política monetária, esperamos um Banco Central cauteloso no curto prazo, mas cortes de juros maiores do que o precificado pelo mercado. O Copom deve continuar gradual, com corte de 25 bps em abril. Mantido o cenário de acomodação dos conflitos e do choque ao longo de abril, a sequência mais provável seria uma aceleração do ritmo no meio do ano, com 50 bps em junho, e continuidade do ciclo até uma Selic ao redor de 12% em dezembro. No primeiro semestre de 2027, a taxa de juros deve seguir em trajetória de queda.

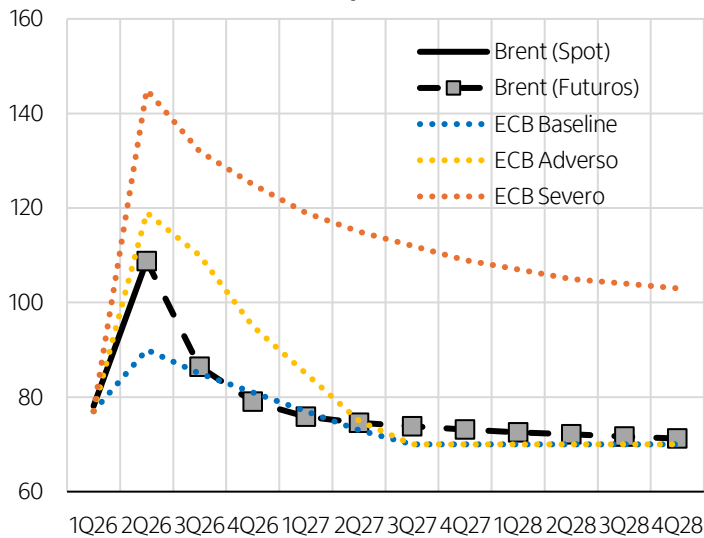
Principais alocações no final do primeiro trimestre de 2026

Durante o mês de março, as perdas em posições de juros nos levaram a reduzir de forma relevante a exposição ao risco. A diversificação da nossa carteira, que tipicamente ocorre na alocação entre diferentes regiões, não funcionou dessa vez. O choque no preço do petróleo impactou de forma muito semelhante as curvas de juros ao redor do mundo. Iniciamos o mês utilizando cerca de 85% do risco, reduzimos para aproximadamente 30% no meio do período e, na virada do trimestre, retomamos para cerca de 60%.

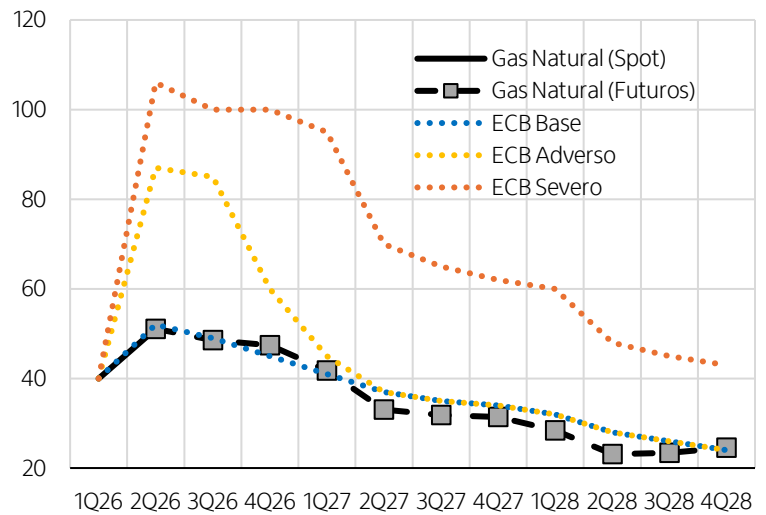
Nos EUA, seguimos sem posições relevantes. O choque de oferta de energia é inflacionário e incide sobre uma economia ainda aquecida, mas o avanço da inteligência artificial parece fragilizar o mercado de trabalho, reduzindo o ritmo de contratação. Neste momento, vemos oportunidades mais claras em outras regiões.

Na Europa, o ECB indicou disposição para subir juros “se necessário, mas sem pressa”, evidenciando uma função de reação dependente da trajetória de preços do petróleo e do gás. O banco central sinalizou propensão a ajustes moderados no cenário de “choque adverso” e mais fortes em caso de “choque severo”. Embora os contratos mais curtos do petróleo estejam próximos do cenário adverso, a partir do terceiro trimestre os preços convergem ao cenário-base (ver Figura 5). Avaliamos que, nos níveis atuais, o ECB deve manter os juros nas próximas reuniões. Não tínhamos posição relevante antes do choque e passamos a aplicar juros após o mercado precificar entre duas e três altas este ano.

Figura 5: Brent próximo do cenário "adverso" no curto prazo, mas longos mais bem comportados...



...enquanto gás natural ainda se assemelha mais ao cenário mais dovish, aos preços de hoje



Fonte: Itaú Asset.

No Reino Unido, o BoE mudou abruptamente sua comunicação. Em vez de cortar os juros, como indicado poucas semanas antes, o banco central sinalizou estar “pronto para agir” contra o choque inflacionário. A reação foi intensa, com o mercado precificando quase quatro altas até o fim do ano. Assim como na Europa, se o choque de oferta for temporário e considerando um mercado de trabalho mais frágil, seguimos vendo maior probabilidade de estabilidade nos próximos meses, com uma ou duas quedas no segundo semestre, caso o petróleo retorne aos níveis pré-guerra. Voltamos a ter posições aplicadas pequenas em juros no país.

Entre os emergentes, destacamos posições aplicadas na África do Sul, México e Colômbia. A África do Sul segue em ajuste ortodoxo, com fiscal equilibrado e credibilidade monetária, o que deve manter expectativas de inflação ancoradas, mesmo sendo importador de energia, abrindo espaço para cortes no segundo semestre em um cenário de reversão parcial do choque.

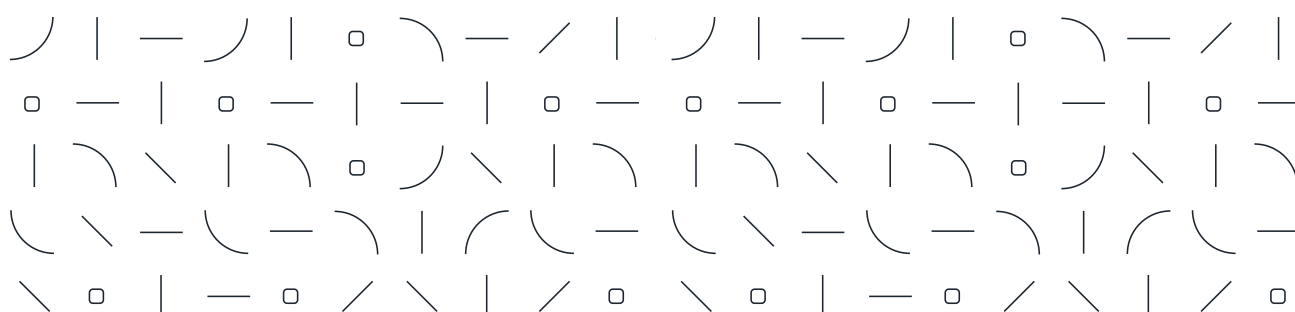
No México, o banco central segue previsível. Conforme sinalizado há seis semanas, houve corte de juros em março, apesar da guerra, e manutenção da indicação de pelo menos mais um corte este ano, mesmo com o mercado precificando leve alta.

Na Colômbia, o debate é outro. Como exportador de energia e com o banco central elevando juros (+200 bps no 1º tri), o mercado de renda fixa ignorou a volatilidade recente, reagindo mais a fatores técnicos e às probabilidades de mudança de governo (eleição presidencial em 31 de maio).

No Brasil, seguimos aplicados em juros nominais, embora tenhamos reduzido o risco ao longo de março. O aumento do petróleo demanda cautela do Banco Central para evitar a desancoragem das expectativas de prazo mais longo, e esse início do ciclo de cortes tende a ser mais gradual. Apesar disso, conforme o choque de oferta for ficando para trás, achamos que a taxa terminal não deverá ser muito diferente do nosso cenário anterior à guerra (11%), apenas adiando essa convergência por um ou dois trimestres.

Em moedas, mantemos posição vendida em USDBRL e comprada em ouro. O choque de preços do petróleo não é inteiramente negativo para o Brasil, exportador líquido, o que favorece o real e contribui para fluxos de entrada na bolsa local.

No mercado de ações, temos uma carteira que equilibra empresas com valuation descontado e empresas que vivem momento operacional excepcional. Reduzimos nossa exposição à Ásia, apesar de nossa maior posição ainda ser TSM, e aumentamos ligeiramente a exposição ao Brasil. O tema de IA e Mag7 continua sendo posição relevante do fundo.



Objetivos do Fundo

Fundo Multimercado Macro que atua no mercado brasileiro e internacional, buscando entregar retorno absoluto ao investidor em qualquer cenário econômico. O time de gestão, com sólida formação macroeconômica, se dedica a identificar relevantes temas de investimentos ainda no seu início de ciclo, combinando análise macroeconômica com acompanhamento de indicadores técnicos de mercado. A dedicação a uma análise detalhada sobre a origem dos resultados obtidos (estratégia e implementação), assegura uma profunda compreensão da forma como o alpha é gerado e é essencial para alcançar retornos consistentes no longo prazo.

Termômetro de Risco



Rentabilidade do Mês

- 4,03 %
- 332,6% do CDI
CDI - 5,25%

Rentabilidade do Ano

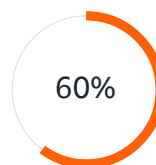
- 1,12 %
- 32,8% do CDI
CDI - 4,53%

Rentabilidade dos últimos 12 meses

15,79 %
106,8% do CDI
CDI + 1,01%

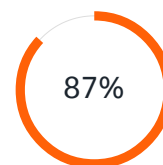
Rentabilidade desde o início do fundo (29/09/2023)

39,70 %
114,1% do CDI
CDI + 1,63% a.a.



Meses em que esteve acima do benchmark

0,44
Índice Sharpe¹



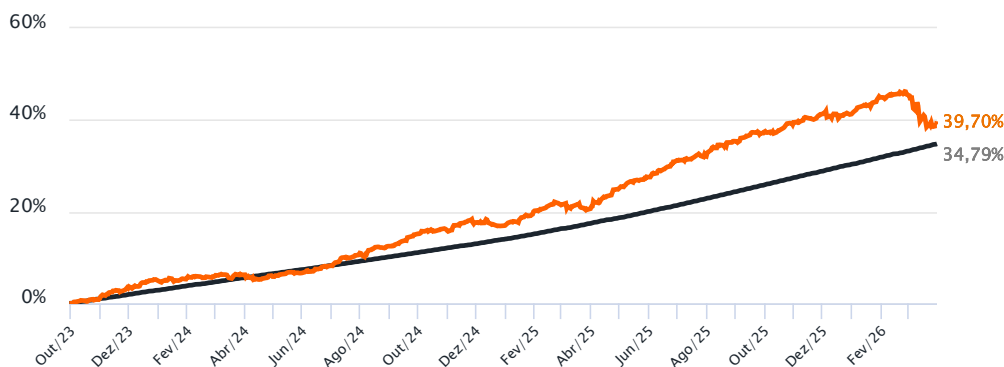
Meses de retorno positivo do fundo

3,68%
Volatilidade desde o início do fundo (29/09/2023)

Retorno Acumulado

Data de início do fundo
29/09/2023

Itaú Janeiro MM ●
CDI ●

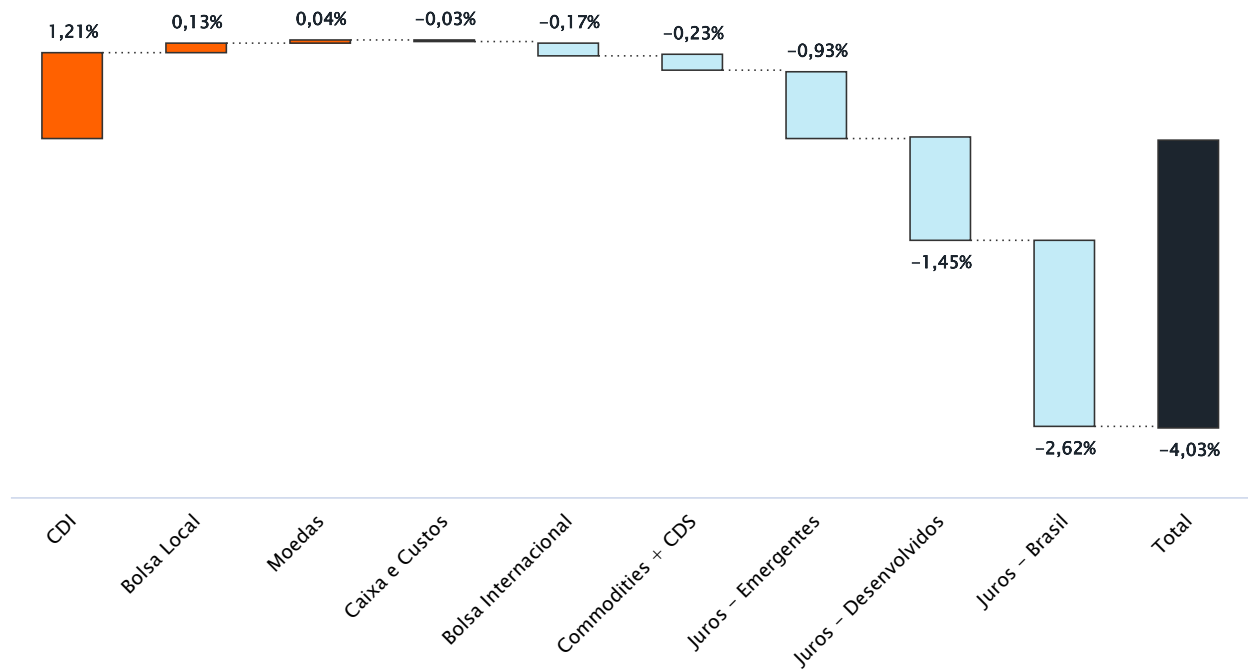


Retorno Mensal

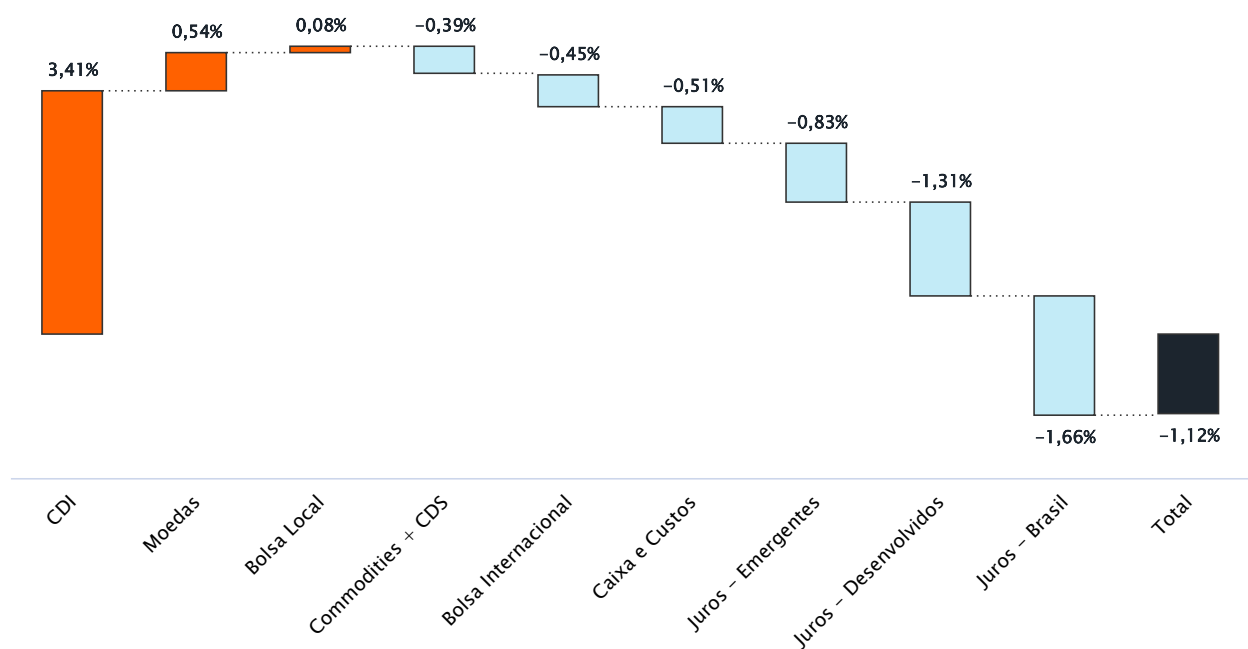
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Ano
Fundo	2,58%	0,45%	-4,03%	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-1,12%
2026 CDI	1,16%	1,00%	1,21%	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3,41%
%CDI	221,2%	45,1%	-332,6%	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-32,8%
+/-CDI	1,41%	-0,55%	-5,25%	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-4,53%
Fundo	2,75%	1,05%	-0,66%	3,65%	1,99%	2,86%	0,69%	2,50%	1,49%	1,51%	1,26%	0,04%	20,78%
2025 CDI	1,01%	0,99%	0,96%	1,06%	1,14%	1,10%	1,28%	1,16%	1,22%	1,28%	1,05%	1,22%	14,31%
%CDI	272,3%	106,2%	-68,7%	345,3%	174,6%	261,3%	53,7%	214,6%	122,3%	118,3%	119,3%	3,4%	145,2%
+/-CDI	1,74%	0,06%	-1,62%	2,59%	0,85%	1,77%	-0,59%	1,33%	0,27%	0,23%	0,20%	-1,18%	6,47%
Fundo	0,36%	0,31%	0,30%	-0,35%	0,74%	1,40%	2,63%	1,35%	2,40%	0,60%	1,52%	-0,55%	11,19%
2024 CDI	0,97%	0,80%	0,83%	0,89%	0,83%	0,79%	0,91%	0,87%	0,83%	0,93%	0,79%	0,93%	10,87%
%CDI	37,2%	38,2%	35,6%	-40,0%	89,2%	178,0%	289,5%	156,2%	288,0%	64,8%	192,0%	-59,6%	102,9%
+/-CDI	-0,61%	-0,50%	-0,54%	-1,24%	-0,09%	0,62%	1,72%	0,49%	1,57%	-0,33%	0,73%	-1,48%	0,31%

Notas: (1) Índice Sharpe é a métrica que avalia o desempenho de um investimento levando em consideração o risco incorrido no período. Calcula-se dividindo o retorno excedente do fundo (rentabilidade acima do CDI) pela volatilidade. Quanto maior o índice, melhor a relação entre risco e retorno.

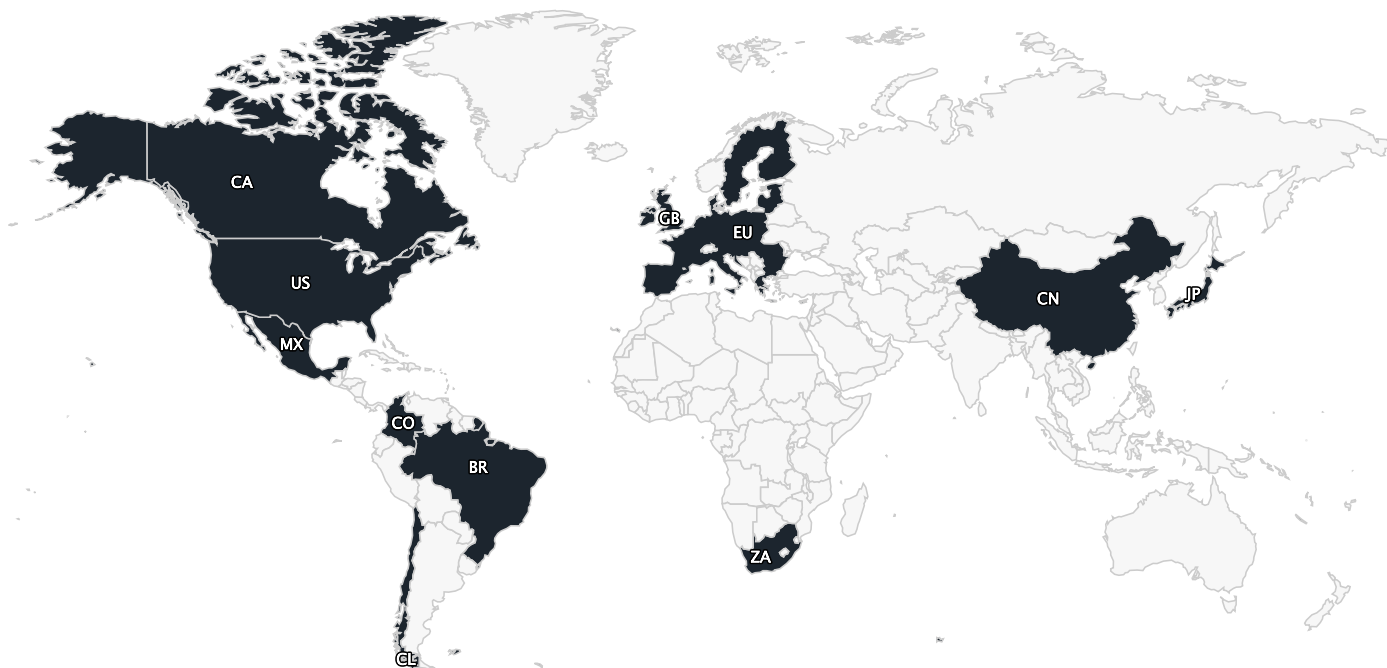
Atribuição de Performance Mensal



Atribuição de Performance Anual



Alocação relevante por região (últimos 6 meses)²

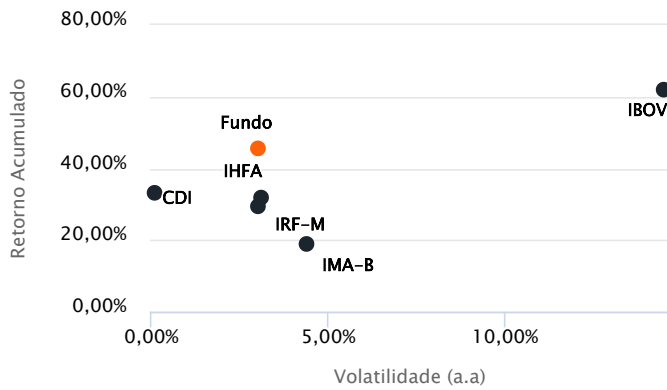


		Juros	Moedas	Inflação	Renda Variável
América do Norte	Canadá (CA)	██████████			
	Estados Unidos (US)	██████████	██████████		██████████
	México (MX)	██████████			
América do Sul	Brasil (BR)	██████████	██████████		██████████
	Chile (CL)	██████████	██████████		
	Colômbia (CO)	██████████			
Europa	Reino Unido (GB)	██████████			
	União Europeia (EU)	██████████			
África	África do Sul (ZA)	██████████			
Ásia	China (CN)		██████████		
	Japão (JP)	██████████	██████████		

Notas: (2) O gráfico considera a média do patrimônio líquido (PL) dos últimos 6 meses para determinar a relevância das alocações por região. A classificação de relevância segue os seguintes critérios mínimos de participação no PL médio: Juros (50% do patrimônio líquido equivalente ano bruto), Moedas (1% do patrimônio líquido), Renda Variável (5% do patrimônio líquido bruto) e Inflação (25% do patrimônio líquido equivalente ano). Alocações abaixo desses limites não são exibidas por não atenderem ao critério de relevância estabelecido.

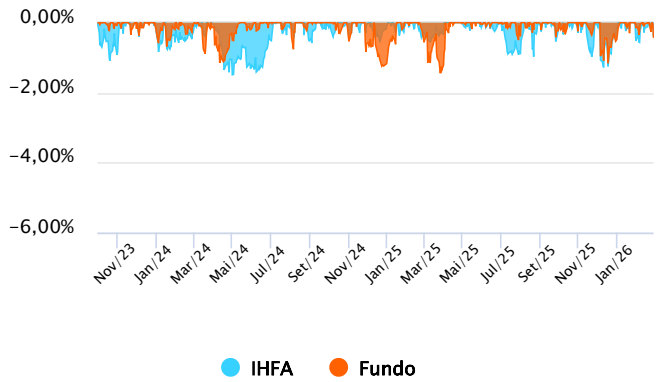
Risco Vs Retorno (desde o início) ³

Defasagem de 30 dias devido à divulgação do IHFA.



Drawdown ⁴

Queda do fundo em relação à sua cotação máxima. Defasagem de 30 dias devido à divulgação do IHFA.



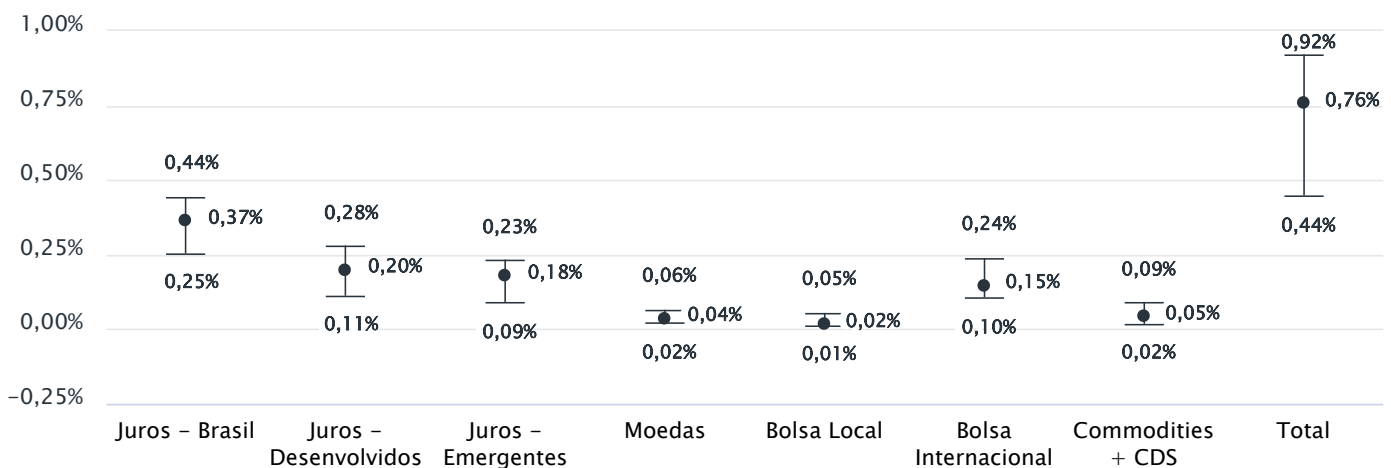
Histórico de VaR ⁵

Perda máxima estimada em um dia com 95% de confiança



VaR por classe de ativo ⁵

Perda máxima estimada em um dia com 95% de confiança. As barras e pontos representam o mínimo, máximo e médio ao longo do mês.



Notas: (3) O gráfico de Risco Vs. Retorno apresenta a relação entre a volatilidade anualizada e o retorno acumulado desde o início do fundo, em comparação com índices de mercado como CDI, Ibovespa, IHFA, IMA-B e IRF-M. (4) O gráfico de Drawdown serve para acompanhar a magnitude de um retorno negativo após o investimento ter atingido seu nível máximo e o tempo que foi preciso para que o investimento voltasse a atingir seu nível mais alto novamente. De maneira geral, investimentos que apresentam um menor Drawdown tendem a entregar um maior retorno ao investidor no longo prazo. (5) A metodologia de cálculo de risco VaR (Value at Risk) busca dimensionar o nível de perda diária que o fundo terá em até 95% dos dias. Essa metodologia utiliza dados históricos de mercado para determinar o comportamento esperado dos ativos do portfólio, dando pesos maiores para os eventos mais recentes. Soma das exposições é superior ao resultado total por conta do efeito da diversificação.

Por que Itaú Janeiro Multimercado?

Equipe experiente, formada por profissionais altamente qualificados, com histórico de alpha comprovado.

Potencial de retornos consistentes no longo prazo, impulsionados por uma análise macroeconômica detalhada, acompanhamento de indicadores técnicos e análise da origem dos resultados.

Alocação eficiente do risco, com monitoramento constante da dinâmica de mercado e posicionamento técnico.



Diversificação da carteira

Por que Itaú Asset?

A maior gestora privada de recursos do Brasil, com + de R\$1 tri sob gestão e uma estrutura integrada para a gestão eficiente de investimentos.

+ de **2,6 mi**
clientes⁶

+ de **60**
anos em gestão
de investimento⁸

+ de **300**
profissionais⁷

15x
A melhor gestora de
fundos pelo Guia de
Fundos FGV⁹



Pesquisa
Econômica



Pesquisa
Quantitativa



Portfolio
Analytics



Trading



Integração ESG



Operações

Por que investir em fundos multimercado?

Estratégia adaptável a diferentes cenários de mercado, com uma gestão ativa capaz de responder rapidamente às mudanças de ciclos econômicos.

Características

Volume Global Mínimo R\$ 1,00	Taxa Total Máxima 2,00% ao ano	Horário para Movimentação Até às 15:00
Classificação Tributária Longo Prazo Sem Compromisso	Taxa de Performance 20% sobre o que exceder 100% do CDI	Aplicação e Resgate Cota de aplicação: D+0
Patrimônio Líquido Médio Últimos 12 meses R\$ 907.611.520,17	Público Alvo Público Em Geral	Cota de Resgate (dias úteis): D+21 Crédito do Resgate (dias úteis após cotização): D+1

Taxas do produto

	Administração	Custódia	Distribuição	Gestão
Taxa cobrada ao ano	0,05%	0,05%	0,40%	1,50%
Taxa máxima ao ano	0,05%	0,05%	0,40%	1,50%

O fundo poderá, eventualmente, apresentar indisponibilidade, permanente ou temporária, de acesso por parte de investidores. Em caso de dúvidas, consulte seu gerente de relacionamento

Acesse outros documentos relevantes deste fundo: www.itaú.com.br/investimentos-previdencia/fundos/informacoes-cotistas/

Glossário: LF - Letra Financeira. CDB - Certificado de Depósito Bancário. LSF - Letra Financeira Subordinada. LFSN - Letra Financeira Elegível - Nível II. DEB - Debentures. NP - Notas Promissórias. CCB - Cédula de Crédito Bancário. FIDC - Fundo de Investimento em Direitos Creditórios. DPGE - Depósito a Prazo com Garantia Especial. Debentures Conversível. Certificado de Recebíveis Imobiliários. LC - Letra de Câmbio. LCA - Letra de Crédito Agrícola. LCI - Letra de Crédito Imobiliário. DEB COMP - Debênture Compromissada. CDB Vinc - Certificado de Depósito Interbancário Vinculado. CRI - Certificado de Recebíveis Imobiliário. CDCA - Certificado de Direitos Creditórios do Agronegócio. CPR - Contas a Pagar e Receber. DPGE - Depósito a Prazo com Garantia Especial. COMPR - Operação Compromissada. LH - Letra Hipotecária. TERMO - Contrato a Termo



Signatory of:



Informações relevantes

ITAÚ JANEIRO MULTIMERCADO FUNDO DE INVESTIMENTO FINANCEIRO DA CLASSE DE INVESTIMENTO EM COTAS RESPONSABILIDADE LIMITADA CNPJ 52.116.227/0001-09 - 31/03/2026

Este fundo possui lâmina de informações essenciais, podendo esta ser consultada no seguinte endereço eletrônico www.itaú.com.br. Não há garantia de que este fundo terá o tratamento tributário para fundos de longo prazo. Os rendimentos serão tributados semestralmente, no último dia útil dos meses de maio e novembro, à alíquota de 15%. No momento do resgate, será aplicada a alíquota complementar em função do prazo da aplicação: até 180 dias, 22,5%; de 181 a 360 dias, 20%; de 361 a 720 dias, 17,5%; acima de 720 dias, 15%. Haverá cobrança de IOF regressivo no caso de resgates de aplicações com menos de 30 dias. Público alvo: O FUNDO, a critério do ADMINISTRADOR, receberá recursos de fundos de investimento, pessoas físicas e jurídicas, clientes do ADMINISTRADOR, do GESTOR ou de controladas, direta ou indiretamente, pela Itaú Unibanco Holding S.A. Objetivo do fundo: O objetivo do FUNDO é aplicar seus recursos em cotas de fundos de investimento de diversas classes, os quais investem em ativos financeiros de diferentes naturezas, riscos e características, sem o compromisso de concentração em nenhum ativo ou fator de risco em especial, observado que a rentabilidade do FUNDO será impactada em virtude dos custos e despesas do FUNDO, inclusive taxa de administração. Tipo Anbima: MULTIMERCADOS LIVRE - Fundos que são baseados nas estratégias preponderantes adotadas e suportadas pelo processo de investimento adotado pelo gestor como forma de atingir os objetivos e executar a política de investimentos dos Fundos. Fundos que não possuem obrigatoriamente o compromisso de concentração em nenhuma estratégia específica. Início do fundo em: 29/09/2023. Fonte de dados do material: Itaú Asset Management. Material de divulgação do fundo - A Itaú Asset Management é a gestora de fundos de investimentos do Itaú Unibanco. Leia a lâmina de informações essenciais, se houver, e o regulamento antes de investir. Rentabilidade passada não representa garantia de rentabilidade futura. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador, do gestor, de qualquer mecanismo de seguro ou fundo garantidor de crédito - FGC. Para obter mais informações, entre em contato pelo telefone 4004-4828. Consultas, sugestões, reclamações, críticas, elogios e denúncias, utilize o SAC: 0800 728 0728, todos os dias, 24 horas, ou o canal Fale Conosco (www.itaú.com.br). Se necessário contate a Ouvidoria Corporativa Itaú: 0800 570 0011 (em dias úteis das 9h às 18h) ou Caixa Postal 67.600, CEP 03162-971. Deficientes auditivos ou de fala, todos os dias, 24 horas, 0800 722 1722.